

Narrando escândalos: eleições, campo jornalístico e drama político

CARLOS PERES DE FIGUEIREDO SOBRINHO - carlospfs@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco
Jornalista, Doutorando em Sociologia (UFPE) e Mestre em Comunicação Social (UFPE)

Resumo

Este estudo propõe uma análise dos modelos narrativos utilizados pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio* na produção de notícias veiculadas acerca de um escândalo político ocorrido durante as eleições municipais de 2004 no Recife, envolvendo os partidos PMDB e PT e seus respectivos candidatos. Partimos do princípio de que as estruturas narrativas, em alguns pontos similares às utilizadas na literatura, utilizadas pelos profissionais do campo jornalístico, ao dramatizarem os acontecimentos e transformarem os envolvidos no conflito em personagens, vão de encontro ao mito da objetividade sustentado pela ideologia profissional do jornalismo, que enxerga as notícias como um espelho fiel da realidade.

Palavras-chave

Narrativa. Jornalismo. Escândalo político.

Abstract

This paper proposes a analysis of the narrative models used by newspapers *Diário de Pernambuco* and *Jornal do Commercio* in the reports about a political scandal occurred during the municipal elections of 2004, in Recife City. The electoral dispute was between the parties PMDB and PT and their candidates. We have the assumption that the journalistic narrative structures, in some points similar to those used in literature, dramatize the events and remodel the politicians involved in the fact in characters. The use of those structures denies the myth of objectivity underpinned by the professional ideology of journalism, which sees the news as a faithful mirror of reality.

Keywords

Narrative. Journalism. Political scandal.

Artigo recebido em 13/09/2011

Aprovado em 09/11/2011

Narrar faz parte da experiência humana, e nas sociedades contemporâneas uma das instâncias mais importantes na formação da experiência cotidiana são os meios de comunicação de massa. Walter Benjamin (1987) percebeu, nos anos 1930, que as mídias, assentadas na ascendente indústria da informação, vinham tomando o lugar de outras instâncias no processo de mediação entre os indivíduos e sua realidade. O filósofo alemão percebia que a figura do narrador ligado às tradições orais perdia espaço pouco a pouco, com a hegemonia econômica e cultural da burguesia, para outras formas culturais próprias da nova classe dominante como o romance e, em seguida, a imprensa, cujo principal produto era a informação. De acordo com Sodré (2009, p. 186), Benjamin procurou denunciar o divórcio entre experiência e vivência como uma consequência do advento da modernidade, em que a forma narrativa, cuja temporalidade é expressa sequencialmente, daria lugar “a um discurso possivelmente ‘pós-narrativo’, caracterizado por textos descentrados, a exemplo dos que constituem a informação enquanto forma cultural”.

A política na contemporaneidade não pode ser experimentada diretamente por grande parte da população, fazendo com que parcela considerável do contato cotidiano dos cidadãos com a política seja originária da informação produzida pelo campo jornalístico. Estariam os meios de comunicação de massa contribuindo para o empobrecimento da experiência política? Este trabalho pretende demonstrar que o campo jornalístico faz uso de técnicas narrativas para dar conta do trabalho de mediar o conhecimento de fatos políticos através das teorias da narrativa e do jornalismo. Para esse fim será feita uma análise da narrativa do caso Maria do Socorro realizada pelos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, que compreenderá as edições de 18 de agosto a 31 de outubro de 2004 dos dois jornais. A análise feita é de cunho qualitativo, e serão escolhidos textos que sejam emblemáticos das escolhas narrativas realizadas pelos agentes do campo jornalístico. O caso Maria do Socorro foi um escândalo político ocorrido durante as eleições municipais de 2004 no Recife e que acabou dominando a cobertura jornalística do pleito.

O fato envolveu a disputa pelo discurso de uma testemunha no horário eleitoral gratuito entre os candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido do Movimento Democrático (PMDB) locais. A artesã Maria do Socorro, depois de prestar depoimento acerca de uma obra da administração petista no guia eleitoral do PMDB, e em seguida desmentir seu testemunho no guia adversário, alegou ter sido espancada por homens desconhecidos e teve seu advogado perseguido e espionado por policiais da Casa Militar de Pernambuco, instância subordinada diretamente ao então governador Jarbas Vasconcelos (PMDB), configurando um possível uso da máquina administrativa para favorecer de modo ilícito seu partido. O caráter dramático dos acontecimentos pode ser considerado um dos fatores que levaram os jornais da capital pernambucana a dar preferência ao caso na seleção de fatos políticos a serem noticiados.

Narrativas e Jornalismo Político

As empresas jornalísticas produzem um bem público, a informação, mas para sua sobrevivência precisam se posicionar dentro de um mercado guiado pelas lógicas do lucro e da concorrência. Os jornais precisam, assim, vender um produto, muitas vezes fazendo uso de apelos estéticos e emocionais, realçando contornos dramáticos dos fatos para aumentar a aceitação do produto. Contudo, a narrativa jornalística, geralmente, não é realizada em uma única notícia, mas é levada a cabo durante um período mais longo. Os fatos agendados, ou seja, cujos desdobramentos são noticiados por um período de tempo que ultrapassa uma edição do jornal, são mais propensos a assumirem características narrativas. Fatos que se encerram em uma única edição do jornal ou em poucos dias geralmente ganham uma abordagem expositiva, que é a majoritária no jornalismo.

Entretanto, é preciso diferenciar a narrativa jornalística da ficção. Apesar da ficção, da história e do jornalismo poderem ser organizados de forma narrativa, os dois últimos têm como base acontecimentos reais. O contrato de leitura entre o jornal e o leitor requer que os relatos sejam da ordem do real, o que não acontece na literatura. O

discurso histórico também é baseado na realidade, contudo há uma diferença: a atualidade, o agora em torno do qual o jornalismo atua. Os profissionais da área aplicam estratégias textuais próprias da escrita jornalística que diferenciam o jornalismo das demais narrativas para buscar os efeitos de realidade e atualidade.

A estratégia textual do narrador jornalístico é provocar o “efeito de real”, fazer com que os leitores/ ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si mesmos. Esse efeito de real no jornalismo se obtém com diversos recursos de linguagem e com uma fixação de seu centro no aqui e no agora, no momento presente. O jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro. “Opera uma mediação que é, ao mesmo tempo, linguística e temporal” (MOTTA, 2005, p. 106).

A análise da narrativa jornalística, apesar das diferenças com outros tipos de narrativas, faz uso da teoria literária usada originalmente para análise de produtos do campo literário, mas de forma crítica, como Motta (2005) sugere, aplicando esse conhecimento dentro do contexto dos padrões do jornalismo com suas especificidades e valores profissionais que definem o campo jornalístico como autônomo. Contudo, apesar das diferenças, acreditamos que os vários tipos de narrativas possuem uma estrutura em comum (TODOROV, 2004, p. 80), permitindo que os textos jornalísticos também possam ser analisados por esse prisma, se respeitadas as devidas particularidades da produção jornalística. Os próprios jornalistas resistem a tratar as notícias como “estórias” ou narrativas, pois essa concepção pode ir de encontro à ideologia profissional do campo que toma as notícias como um espelho do real (TUCHMAN, 1993), mesmo que dentro das redações seja comum os profissionais se referirem às pautas como “estórias” e a algumas fontes como “personagens”.

A dramatização é um critério de noticiabilidade levado em conta no momento da seleção de uma notícia. Quando citamos dramatização estamos nos referindo ao reforço dos aspectos mais críticos, do lado emocional, da natureza conflitual dos fatos (TRAQUINA, 2005, p. 92). A narrativa dramática que enfatiza o potencial de conflito entre os agentes do campo político, em detrimento de uma discussão acerca do bem

coletivo, tende a centrar seus esforços no jogo político que tem sempre como objetivo a barganha, o poder e as vantagens políticas. As análises costumam se desenvolver em torno das lógicas próprias do funcionamento do campo político, e dificilmente extrapolam os limites deste, sem agregar à informação o impacto das decisões e movimentações políticas na vida do cidadão comum.

Dentro dessa lógica de dramatização, escândalos políticos são fatos que têm enorme potencial para se transformarem em narrativas jornalísticas, pois seus desdobramentos podem durar um longo período de tempo. Os escândalos possuem uma lógica narrativa, uma “estrutura sequencial”, fazendo com que “o desdobramento dos escândalos midiáticos sejam entrelaçados por um constante contar e recontar de histórias sobre os acontecimentos (ou supostos acontecimentos) presentes no centro do escândalo” (THOMPSON, 2002, p. 102).

Além disso, os escândalos possuem um grande potencial de conflito, pois os envolvidos terão que se defender dos acusadores, opositores e convencer a opinião pública, tornando públicos segredos de bastidores que antes eram guardados a sete chaves pelos envolvidos. Sem falar no critério de seleção “infração”, a violação e transgressão das regras, que está no cerne do escândalo político como notícia (TRAQUINA, 2005, p. 85). O escândalo é um ato que envolve uma transgressão moral capaz de suscitar uma resposta pública. Escândalos políticos são ofensas morais mais particularizadas por envolverem indivíduos que atuam dentro do campo político (THOMPSON, 2002, p. 239). Grande parte das narrativas contém um fundo moral. Além disso, a própria estrutura narrativa é que faz com que os escândalos políticos midiáticos sejam acompanhados com interesse pela audiência. Thompson (2002, p.103) acredita que uma das razões pelas quais os escândalos políticos são acompanhados com interesse é que os leitores e espectadores presenciam o desenrolar dos acontecimentos à medida que acontecem, uma trama como resultado incerto. Além disso, assim como nas novelas, colocam à prova a capacidade de leitores de avaliar os atos das personagens e predizer o resultado da trama.

Para Hall e seu grupo de pesquisa (1993, p. 225-226), os jornalistas utilizam “mapas culturais” que permitiriam enquadrar os fatos dentro de um contexto cultural e social que faça sentido para o público. Em outro momento, Hall (1983) defende que os jornalistas operam uma construção narrativa da realidade, na qual eles mobilizam mitos já conhecidos pelo público, ou seja, que poderiam ser encontrados nos mapas de significados compartilhados socialmente. Os jornalistas, desta forma, estariam inconscientemente contando sempre as mesmas histórias e apresentando-as como algo novo, ao mobilizar os mesmos mitos estariam reatualizando-os. Lattman-Weltman (2006, p. 12) argumenta, ao analisar a cobertura jornalística dos escândalos do governo Lula, que os jornalistas contam histórias parecidas quando cobrem escândalos políticos, sempre dando ênfase aos padrões morais que os políticos deveriam seguir. O autor considera que a audiência acompanha sempre os mesmos “dramalhões repetitivos de corrupção e denúncias”, e mesmo a despeito das novas caras, personagens e cenários, o público sempre assiste ao mesmo enredo “reprisado geração após geração”.

No caso estudado aqui, o drama narrativo aumenta pelo fato de o escândalo ter acontecido em plena eleição. Quando um escândalo político acontece durante eleições, as proporções dos acontecimentos aumentam de forma considerável, pelas próprias consequências dos fatos para os envolvidos. Uma dessas consequências é o desgaste da imagem de determinados candidatos, dependendo do papel reservado aos agentes do campo político dentro da narrativa.

O enredo: situação inicial e complicação

O caso Maria do Socorro, na verdade, é parte de uma grande polêmica envolvendo a comunidade de Brasília Teimosa, iniciada após uma promessa do então recém-eleito presidente da República, Luís Inácio da Silva, em 2003. Lula prometeu um projeto habitacional para os moradores das palafitas do local, que viviam em condições precárias, e a urbanização da área. A obra começou com a retirada das palafitas e a urbanização da orla de Brasília Teimosa, uma obra feita através de uma parceria entre os

governos federal e municipal. Os moradores retirados do local recebiam um auxílio-moradia enquanto esperavam a construção de novas moradias pela prefeitura. A obra passou a ser uma das vitrines da administração do prefeito João Paulo (PT), candidato à reeleição em 2004.

A disputa em torno de Brasília Teimosa começou quando o guia eleitoral do candidato Carlos Eduardo Cadoca (PMDB), da coligação União por Pernambuco, veiculado no dia 20 de agosto de 2004, exibiu depoimentos da artesã Maria do Socorro, uma das pessoas removidas das palafitas, criticando a obra da administração petista. Entre as reclamações estavam a demora para a entrega das casas aos antigos moradores das palafitas e o fato de a prefeitura priorizar a urbanização da orla, para exibir as imagens da obra no guia eleitoral do PT, em detrimento da acomodação das pessoas removidas. A denúncia feita pela artesã colocava em xeque a grande obra do prefeito João Paulo, como evidenciava o título da matéria publicada pelo *Diário de Pernambuco* em 21 de agosto de 2004: “João Paulo na berlinda” (LOPES, 2004).

Três dias depois, acontece uma reviravolta no caso: a mesma Maria do Socorro volta a aparecer no horário eleitoral gratuito, mas desta vez no do PT. Mostrando arrependimento, a artesã confessou que havia prestado o depoimento anterior em troca de dinheiro e ajuda jurídica para os seus dois filhos, que estavam presos. Além disso, Maria do Socorro dos Santos acusou a esposa do candidato Cadoca, Berenice Andrade Lima, de ter sido a responsável pelo seu aliciamento. Os dois jornais pesquisados publicaram matéria sobre a denúncia, ambos ressaltando o conflito entre os dois adversários. O *DP* publicou o texto intitulado “João Paulo contra-ataca”, publicado no dia 24 de agosto de 2004. No mesmo dia, o concorrente *Jornal do Commercio* publica a matéria “Frente acusa guia de Cadoca de aliciar ex-moradora de palafita”.

Na berlinda desde a semana passada, o PT resolveu sair da defensiva, ontem à noite, e utilizar todo o tempo disponível do guia eleitoral para mostrar sua versão sobre "A verdade de Brasília Teimosa". O tema foi explorado pela coligação do prefeiturável Carlos Eduardo Cadoca (PMDB), na última sexta-feira, mas a peça publicitária petista mostrou o inverso, com um novo depoimento de Socorro dos Santos, moradora da localidade. Ela foi protagonista do vídeo cadoquista, no qual apareceu chorando e criticando a forma como as famílias de lá foram retiradas das palafitas da orla. Socorro desmentiu seu próprio depoimento, pediu desculpas e disse ter consentido em gravar para o guia do peemedebista sob a promessa de que receberia ajuda financeira e jurídica para livrar dois de seus filhos que estão presos. (LOPES, 2004)

O caso ganha um novo componente depois que a artesã alega ter sido sequestrada e espancada por três homens desconhecidos no dia 2 de setembro de 2004. Maria do Socorro dos Santos passou a viver escondida sob a proteção do Movimento Nacional dos Direitos Humanos. O caso repercute em matérias como “Dona Socorro denuncia sequestro e agressão” (DONA, 2004), e “Socorro das Palafitas se queixa de Agressão” (SOCORRO, 2004), ambas publicadas no dia 3 de setembro.

Já no começo da narrativa em questão, é possível perceber um elemento comum a qualquer narrativa, e que no jornalismo é um critério de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005, p. 84), ou seja, uma característica que dá ao fato maiores possibilidades de figurar no noticiário: o conflito. “O conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambientes, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 1997, p. 11), um elemento primordial da narrativa, seu elemento estruturador que permite ao receptor compreender, o início o meio e o fim. Para Motta (2005, p.41), o conflito é o elemento estruturador fundamental das narrativas, em particular a jornalística, assentada em rupturas, descontinuidades e anormalidades. O relato jornalístico nasce da ruptura de algo, trazendo o conflito e conseqüentemente a notícia. Todavia, o próximo acontecimento é que instaura o confronto e a intriga da narrativa, e organiza as personagens em blocos dentro da história.

A primeira parte pode ser considerada a situação inicial da narrativa. Tomamos essa parte do começo das eleições até o momento em que Maria do Socorro figura no guia eleitoral do PT. No jornalismo, a narrativa geralmente tem início com um fato que demarca uma ruptura, um acontecimento com carga negativa, ou seja, a estória começa pelo seu clímax, seu ponto máximo de tensão. Contudo, no caso pesquisado aqui, por se desenrolar dentro de um período de eleição, a narrativa começa de forma mais tranquila. O acontecimento que representará a ruptura de forma decisiva, sendo o clímax da narrativa, até pelo fato dos meios de comunicação terem conseguido provas concretas acerca do ocorrido, é a perseguição do advogado de Maria do Socorro por policiais que faziam a segurança do então governador do Estado, Jarbas Vasconcelos. Essa peculiaridade fez com que em nossa análise fosse seguida a ordem proposta por Gancho (1997) em detrimento da proposta por Motta, que é mais apropriada para narrativas jornalísticas. Mas é importante lembrar que o caso estudado aqui é uma exceção.

A segunda parte ou a complicação (GANCHO, 1997, p. 11) é quando surgem os conflitos da narrativa. No caso estudado, resolvemos demarcar o começo do conflito a partir da aparição da artesã no guia eleitoral do candidato petista João Paulo até o surgimento do ponto considerado o clímax da estória. É bom ressaltar que, quando nos referimos a conflitos, estamos abordando o conflito da narrativa, que gira em torno das obras de urbanização da comunidade de Brasília Teimosa e dos depoimentos de Maria do Socorro. É óbvio que já existia um conflito político-eleitoral entre as partes envolvidas, e que esse conflito é constitutivo do conflito central da narrativa, porém uma situação de disputa política dentro de uma eleição pode ser considerada estável, e não uma ruptura.

O clímax e a intriga

No dia 17 de setembro, o escândalo político toma forma com a publicação, na grande imprensa, de uma perseguição, no dia anterior, ao advogado que acompanhava o caso de espancamento de Maria do Socorro, Dominici Mororó, feita por policiais da

Casa Militar do Governo Estadual, politicamente alinhado à candidatura de Carlos Eduardo Cadoca. A possível participação de indivíduos ocupando cargos eletivos importantes em determinados acontecimentos potencializa a publicação de uma notícia. Nesse caso, o fato de o acontecimento ser uma suspeita de abuso de poder agrega ainda mais valor à notícia.

Os dois jornais pesquisados veicularam a notícia. O *Diário de Pernambuco* publicou o fato na matéria “PMs detidos ao seguir advogado de Socorro” (LOPES; NUNES, 2004), mas sem o privilégio de figurar na primeira capa. Contudo, o *Jornal do Commercio* ofereceu uma cobertura mais ampla, colocando o fato como manchete no dia de sua publicação. A matéria “Políciais da Casa Militar do Estado flagrados em espionagem” frisa, logo na abertura, as atribuições dos policiais detidos durante a perseguição, deixando explícita a causa que levaria o caso a se transformar num escândalo: a ligação dos policiais com o governador do Estado.

Três policiais da Casa Militar de Pernambuco, instituição responsável, entre outras atribuições, pela segurança do governador Jarbas Vasconcelos (PMDB), foram flagrados ontem em perseguição e espionagem ao advogado Dominici Mororó, que há duas semanas acompanha o caso do suposto espancamento da ex-moradora de palafitas de Brasília Teimosa Maria do Socorro dos Santos (ANDRADE, 2004).

Os indícios poderiam levar a opinião pública a crer que houve uso da máquina administrativa para fazer espionagem visando favorecer o candidato apoiado pelo Governo do Estado. As declarações do governador Jarbas Vasconcelos e do candidato Carlos Eduardo Cadoca negando qualquer conhecimento sobre o caso não bastaram para que o fato fosse esquecido pela imprensa, causando um estrago considerável na candidatura de Cadoca, quando restavam apenas 17 dias para a realização das eleições municipais. Com sua imagem atrelada ao escândalo, Cadoca viu seu principal adversário, João Paulo (PT), ser vitorioso ainda no primeiro turno das eleições. A narrativa chega ao seu momento culminante ou de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. “O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele” (GANCHO, 1997, p. 11). O caso analisado pode

ser tomado como uma exceção dentro da narrativa jornalística, uma vez que já existia uma estória se desenrolando aos olhos do leitor dos jornais pesquisados antes do clímax, o fato analisado se constitui no ponto máximo da estória e da cobertura jornalística.

Outro ponto importante para a cobertura jornalística do fato é que, a partir desse momento, aparece um suspeito, Cadoca e os políticos que o apoiavam, uma vítima, a artesã Maria do Socorro, e finalmente possíveis heróis, João Paulo e seus aliados. Contudo, é importante ressaltar que em poucos momentos os jornalistas ressaltam um protagonista e um antagonista. Uma vez caracterizado o enredo mínimo, é possível estabelecer as intrigas que constituem essa narrativa jornalística. Para isso, vamos nos apropriar do conceito proposto por Todorov (2004, p. 118) em que “a intriga mínima completa consiste na passagem de um equilíbrio a outro. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar”.

Temos várias intrigas dentro dessa narrativa. A primeira intriga surge quando Maria do Socorro quebra com a estabilidade da campanha, dá um depoimento desconstruindo o discurso petista sobre as obras de Brasília Teimosa e resolve voltar atrás sobre o conteúdo de suas primeiras declarações. Em seguida, a artesã alega ter sido sequestrada por três homens, levantando suspeitas que atingiam o candidato da coligação União por Pernambuco, e por fim, a intriga que estabelece o clímax da narrativa, quando policiais responsáveis pela segurança do governador são capturados perseguindo o advogado da artesã Maria do Socorro. O equilíbrio, como veremos, é restabelecido no final da narrativa, mas nunca é o mesmo da situação inicial.

Desfecho, personagens e narrador

O desfecho da narrativa jornalística dura enquanto o fato tiver força suficiente para figurar nas páginas dos jornais, oferecendo uma boa dose de conflito ou outros valores que garantam a noticiabilidade do tema (MOTTA, 2005, p. 54). O caso estudado possui um desfecho após o resultado das eleições municipais do Recife. Com a vitória

de João Paulo, este passa a ser celebrado, ganhando a fama de líder carismático e grande liderança política do estado, sendo considerado a novidade política local que demonstrava que Pernambuco se desligava dos velhos nomes ligados à luta ou ao apoio à ditadura. Ex-metalúrgico e oriundo de um partido de esquerda, o petista atingia o estrelato político, como sugerido na matéria “O novo líder da política pernambucana” publicada pelo *Diário de Pernambuco* também no dia 4 de outubro (SANTIAGO, 2004).

Cadoca passava a ser considerado um político sem carisma, como aponta a análise da matéria “Fracasso nas urnas é explicado pela falta de um líder carismático”, publicada pelo *JC* em 4 de outubro de 2004 (FRACASSO, 2004). Além disso, Cadoca ficou marcado pelo escândalo político, uma vez que, como nada foi provado, as suspeitas continuaram a recair sobre o candidato da União por Pernambuco e seus aliados. O final da narrativa pode nos dar uma dimensão do funcionamento da intriga dentro da narrativa analisada. O equilíbrio foi restabelecido com a vitória de João Paulo. Com o fim da eleição, o conflito foi gradualmente desaparecendo, e a perseguição ao advogado esquecida pelos jornais.

Com o desfecho do episódio, podemos perceber como os jornais se comportam em relação às personagens das narrativas jornalísticas. Todavia, é importante ressaltar que a personagem é um ser fictício, responsável pelo desempenho do enredo. “Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais” (GANCHO, 1997, p. 14). Apesar dessas afirmações se referirem às personagens de ficção, a personagem jornalística deve ser tratada similarmente durante a análise. Para um analista, as personagens habitam apenas a realidade da narrativa. Na análise, as pessoas reais são personagens, desempenhando determinado papel no drama tal como aparece no relato do jornal ou do telejornal. Dessa forma, a personagem não existe fora do discurso narrativo, mas apenas enquanto construção (MOTTA, 2005, p. 74). Os dois candidatos envolvidos no conflito foram caracterizados apenas ao final da narrativa, talvez pelo fato de que o veredicto popular dado através do voto pudesse dar uma noção do que

pensava o público do desenrolar dos fatos. Esse fato pode ter ocorrido também pela própria característica da narrativa jornalística assentada no real, de forma que o jornalista não pode prever qual será o desfecho do drama e o destino das personagens.

Difícilmente, nas narrativas jornalísticas, há um protagonista que encarne o bem e um respectivo antagonista que encarne as ações do mal. As narrativas jornalísticas não seguem esse modelo clássico, entretanto estão presentes um ou vários protagonistas e um ou vários antagonistas opondo-se um ao outro. “São as figuras principais que intervêm com maior frequência e mais intensidade nas transformações dos conflitos relatados, mas não encarnam uma o bem e outra o mal” (MOTTA, 2005, p. 79). Esta peculiaridade estaria ligada à própria busca da imparcialidade, um valor profissional do campo jornalístico. O jornalista, dessa forma, tenta se colocar acima das contendas políticas.

Os jornalistas assumiram esse papel explicitamente algumas vezes durante a cobertura. Como na matéria “Guia explorou drama de ex-moradores” (TOLEDO, 2004), publicada no dia 3 de outubro de 2004, pelo *Jornal do Commercio*. A reportagem narra como todos os candidatos se utilizaram do drama sofrido pelos moradores de Brasília Teimosa, inclusive aqueles candidatos que não estavam diretamente envolvidos na disputa sobre a verdade da obra de urbanização em Brasília Teimosa.

Maria do Socorro foi uma personagem importante, que não atuou como protagonista, mas que desencadeou o drama através de seus depoimentos. Apenas uma coadjuvante no começo da eleição, a artesã colocou a comunidade de Brasília Teimosa nas páginas do noticiário de política dos jornais pernambucanos. É importante notar que suas ações sempre serviam de base para o agir dos candidatos João Paulo e Cadoca. Ela nunca foi realmente uma protagonista, mas representou um acréscimo de interesse humano no noticiário político. Não apenas políticos, mas uma pessoa do povo fazia parte do drama da disputa pelo poder.

Considerações finais

Como foi dito no início deste trabalho, narrar é uma experiência própria do ser humano, que expressa experiências de forma narrativa. “Os seres humanos têm uma predisposição cultural primitiva e inata para organizar e para compreender a realidade de modo narrativo” (MOTTA, 2005, p. 7). Por isso, dificilmente o jornalista poderá fugir do ato de narrar, principalmente em coberturas longas como a analisada aqui. Silverstone (2002, p. 84), considera que as histórias de uma sociedade, sejam mitos, estórias religiosas, relatos oficiais, fazem parte da cultura dessa sociedade. E na cultura contemporânea dominada pelos meios de comunicação de massa, essas “estórias” reais ou fictícias precisam ser consideradas como parte de nossa cultura. E por isso, o autor reclama uma poética própria para as mídias (SILVERSTONE, 2002, p. 81-82).

A carga dramática misturada à informação na cobertura política pode fazer com que as notícias possam escapar do interesse público. Quando os jornalistas situam todos os acontecimentos do campo político dentro de uma arena de conflitos, regida por regras sob as quais o cidadão comum não tem qualquer influência ou conhecimento, a cobertura jornalística pode causar apatia política, uma vez que o receptor pode não se ver como parte da narrativa, mas como mero espectador.

Mas deve-se tomar cuidado para evitar atitudes elitistas em relação ao conhecimento advindo do modelo narrativo. Schudson (2010, p. 140-141) mostra que no fim do século XIX, quando a profissionalização do jornalismo dava seus primeiros passos, os jornais se dividiam entre os que adotavam um texto mais romanceado e os que faziam uso de textos no modelo informativo. Essa divisão encerraria uma separação moral entre as mais respeitáveis faculdades de abstração e as percepções, estas dignas de menos respeito.

A informação seria um estilo que requer abnegação do leitor, um certo ascetismo. Já o estilo romanceado estaria relacionado à autoindulgência (SCHUDSON, 2010, p. 141). Até onde tratamento narrativo de temas políticos como disputas e

escândalos podem levar o receptor à apatia política ou, pelo contrário, instigá-lo a participar no momento em que torna a informação uma experiência também de fruição estética é uma questão que ainda precisa de estudos focalizados no campo da recepção. Contudo, acreditamos ser a presença da narratividade no discurso noticioso um problema de pesquisa promissor no campo da teoria do jornalismo.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197 -221
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1997.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 224 - 248.
- HALL, Stuart. **The narrative construction of reality**. 1983. Disponível em: <http://www.dalkeyarchive.com/article/show/31>. Acesso em: 20 jan 2008.
- LATTMAN-WELTMAN. Mídia, denunciismo e política: nova espiral da velha novela moral brasileira. **Democracia Viva**. Rio de Janeiro, n. 32, pg. 8 -14., jul/ set 2006.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TUCHMAN, Gaye. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 258 - 262.
- SILVERSTONE, Roger. **Por quê estudar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola: 2002
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Vol II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

Matérias jornalísticas

- FRENTE acusa guia de Cadoca de aliciar ex-moradora de palafita. **Jornal do Commercio**. Recife, 24 agosto 2004. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/08/24/not_105554.php. Acesso em: 05 abr. 2007.
- LOPES, Aquiles. João Paulo na Berlinda. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 agosto 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/08/24/politica1_0.html. Acesso em: 05 abr. 2007.

JOÃO Paulo Contra – Ataca. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 agosto 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/08/24/politica1_0.html. Acesso em: 05 abr. 2007.

DONA Socorro denuncia sequestro e agressão. **Jornal do Commercio**. Recife, 03 setembro 2004, política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/09/03/not_106970.php. Acesso em: 05 abr. 2007

ANDRADE, Clóvis. Policiais da Casa Militar do Estado flagrados em espionagem. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/09/17/not_108619.php. Acesso em: 08 abr. 2007.

FRACASSO nas urnas é explicado pela falta de um líder carismático. **Jornal do Commercio**. Recife, 04 outubro 2004, Política. Disponível em: http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/04/not_110609.php. Acesso em: 10 abr. 2007

SANTIAGO, Vandek. O novo líder da política pernambucana. **Diário de Pernambuco** Recife, 04 outubro 2004. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/10/04/politica1_3.asp. Acesso em: 12 abr. 2007.

LOPES, Aquiles; NUNES, Thiago. PMs detidos ao seguir advogado de Socorro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/17/politica1_0.asp. Acesso em: 08 abr. 2007.

SOCORRO das palafitas se queixa de agressão. **Diário de Pernambuco**. Recife, 03 setembro 2004, Política. Disponível em: http://www.pernambuco.com/diario/2004/09/03/politica7_0.html. Acesso em: 05 abril 2007.

TOLEDO, Marcos. Guia explorou drama de ex-moradores. **Jornal do Commercio**. Recife, 03 outubro 2004. Disponível em http://jc.uol.com.br/jornal/2004/10/03/not_110519.php. Acesso em: 08 abr. 2007.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a [Licença Creative Commons](#)